

Há um rio que mergulha em mim: ensaio sobre a multiplicidade de caminhos, vidas e experiências no Rio São Francisco (entre Alagoas e Sergipe) e outras antropologias.¹

Igor Luiz Rodrigues da Silva (UFSC/SC)

Palavras- Chave: Antropologia; Rio São Francisco; Etnografia;

1. Introdução

Muitos trabalhos científicos, na antropologia, são produzidos a partir de longos processos de reflexão, revisão bibliográfica, afinidades com uma variável gama de relações sociais que estão à disposição do pesquisador (a), estabelecendo contínuos modos de produzir ciência. Sé de acordo, que a teoria social tem sempre um ponto de partida, é ela fruto da curiosidade e observação intelectual. Raros, porém, são trabalhos que nascem a partir de sonhos, ao menos nunca ouvi relatos sobre algum(a) pesquisador(a), que dormiu e passou a noite sonhando com seu projeto, com os caminhos que deveriam seguir na construção do seu objeto de sua tese. Como afirma Marc Augé (2014), temas como a noite e sonhos são sempre recorrentes em trabalhos etnográficos, mas poucos dão a importância devida a tais fenômenos, ao ponto de merecer ser aprofundado e tido como mais um mecanismo importante na compreensão dos mundos que os cercam, como chaves que abrem portas para o entendimento de realidades decodificadas.

Porém, já adianto que este trabalho nasce fruto de sonhos, para ser mais exato, de um sonho ou de uma *outra modalidade de vida diurna, que por intermédio do sonho lhe dá continuidade, a interroga, a explica ou modifica*. (AUGÉ, 2014: 50), que emerge a partir das alternâncias cósmicas em que estou situado enquanto um ser vivente das práticas umbandistas. Embora eu já estivesse certo da construção de um projeto de doutorado que viesse a ser um olhar mais atento sobre as práticas dos pescadores que estão situados às margens do Rio São Francisco, na cidade de Pão de Açúcar, Alagoas,

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

foi através do sonho que houve uma modificação na proposta, passando o Rio São Francisco a ser o tema central, levando os pescadores e a pesca a assumir outro compromisso, como uma categoria volante em meio a tantos outros processos relacionais entre o rio e tantos diferentes agentes humanos e não- humanos.

E como se apresentou o sonho? Prestes a apresentar uma primeira versão do projeto no CANOA/ PPGAS- UFSC, no dia 07 de junho de 2017, dias antes tive esse sonho: me vi sentado dentro de uma canoa e navegando pelo Rio São Francisco com um remo na mão, estava junto de mim dentro da canoa, um Preto Velho, que nessa jornada espiritual, me acompanha e me envolve com seus sábios cuidados e conselhos. Negro, barba grande e branca, sem camisa, segurando sua bengala na mão, apontava para várias direções entre uma conversa e outra. Em uma dessas direções apontadas pelo meu Preto Velho, a canoa está posicionada frente à comunidade quilombola de Mocambo, que se localiza na margem sergipana do rio, e é lá que se encontra a minha raiz familiar. Foi nessa comunidade que nasceu meu pai, seus irmãos e irmãs, de onde possivelmente é também o Preto Velho, um pescador cheio de histórias da escravidão e do próprio rio, ávido por contá-las. O Preto Velho e os orixás, fazem parte do cotidiano, dos caminhos e da vida das pessoas, dos lugares e dos ambientes, fazendo parte do mundo, habitando-os de formas diversas e também elaborando seus próprios processos de interversões e modificações das realidades vivenciadas.

Nesse processo de interação e descobertas, lembrei que ao acordar, a única coisa que me veio à mente foi o seu nome, que até hoje mantenho em segredo até que de fato tenha a confirmação revelada no espaço sagrado do terreiro. Sua bengala ao apontar para algumas direções, em um rio cercado de vidas em movimentos e transformações, acaba por me mostrar que não existe apenas uma única maneira de descrever e narrar o rio - como estava imaginando fazer, ao escolher contar a história do rio só através das práticas cotidianas dos pescadores – porém, de olhar e contemplar seus aspectos, contrariando a lógica do dado e do feito, como definidores de tudo o que eu compreendo da realidade, quando na verdade a realidade, em uma perspectiva proposta tanto por Ingold (2015), como por Annemarie Mol (2005), é um projeto de realização contínua, fruto das relações entre as pessoas e das pessoas com as coisas, nos múltiplos processos de interações possíveis. Argumento então, que tanto o Preto Velho, como os orixás são mediadores (RABELO, 2012), que colaboram, guiam, produzem conteúdos, argumentações e transformações nos rumos da vida, contribuindo assim, para o desenvolvimento desta pesquisa, como foi demonstrado através do sonho.

[...] Os orixás são mediadores plenos na trama relacional – sua ação produz diferença no desenrolar dos eventos ou no sentido que neles circula. Estou aqui me apoiando em uma distinção proposta por Latour (2005) entre mediadores e intermediários: enquanto estes últimos são veículos através dos quais certos conteúdos são transportados (mas que em nada alteram esses conteúdos), os mediadores são entidades que participam elas mesmas da construção dos conteúdos que transportam, produzindo deslocamentos, traduções e transformações ao longo do percurso. (RABELO, 2012:105).

Posto isso, além das relações estabelecidas com os humanos, com os não-humanos, este trabalho, tenho certeza disso, contará com mais uma cadeia de mediadores, os orixás e as entidades (Pretos Velhos, Caboclos) que estão diretamente ligados a mim e ao rio, agindo não como sombras ou projeções, mas como agentes. Ao situar os sonhos como elementos importantes na pesquisa, me atenho ao fato de que tais sistemas de continuidade da vida após o sono, só podem ser compartilhados através de uma *perspectiva não dualista, na qual o sonho e a vigília, o mental e o físico, o visível e o invisível se confundem* [...]. (Idem, 2014: 51), recorrendo a eles, como forma de compreender, lembrar ou reagrupar alternâncias do tempo histórico com o tempo presente, como uma espécie de “clarividente” (ibidem, 2014:51), já que minha espiritualidade² cada vez mais acentuada me confere esse ato. Além do sonho já relatado acima, outros já foram devidamente transcritos para as folhas de papel, afim de estabelecer diálogos a medida que o trabalho for avançando.

Neste sentido, antes tinha a ideia de realizar a pesquisa apenas nas cidades de Pão de Açúcar, Alagoas e a parte da cidade de Porto da Folha, em Sergipe que fica às margens do Rio São Francisco, porém assumi o desafio de ir além, de mergulhar nesse rio e deixar que suas águas me abracem, assim como uma mãe abraça seu filho, assim como Oxum

² Desde 2015 faço parte do Grupo União Espirita Santa Barbara (GUESB), que fica na cidade de Maceió. O GUESB, é uma entidade religiosa e social da Umbanda traçada com Nagô, tendo como referências a pratica da caridade, do respeito, fé e irmandade. Sou um filho de Santo regido por Oxumaré, que também é um orixá que tem fortes ligações com rios, cachoeiras e o arco-íris. Em todo o terreiro, seja ele de Umbanda ou Candomblé, só pode haver um filho ou filha de Oxumáre, pois ele representa as transformações, o equilíbrio e a renovação dos ciclos da vida. “Tanto na África como no Brasil Oxumaré é o arco-íris. A serpente multicolorida que une o céu e a terra. É o orixá da flexibilidade, da mobilidade, e o senhor das forças que geram transformações e renovação. Ele simboliza a continuidade da vida, a descendência, a riqueza e a unidade de todas as formas de criação.” Assim, para nós que somos praticantes e iniciados nas religiões de matriz africana, os sonhos são importantes elementos de comunicação e continuidade de nossas praticas cotidianas dentro e fora do terreiro, eles são instrumentos que permitem renovar laços, traçar novos cursos nos processos de evolução e comunicação espiritual. Ver mais em: <http://mitologiacomentada.blogspot.com/p/ioruba.html>

que é a orixá das águas doces, senhora do ventre e das nascentes protege todas e todos aqueles que dos rios fazem morada, fazem estrada, fazem caminho, porto e vida.

Ao mesmo tempo que Oxum (*Òsun*)³, é nome de um grande rio que percorre o interior da Nigéria, que ao passo que vai percorrendo cidades, vilas e comunidades, é adorado, cultuado, reverenciado, recebendo várias denominações de acordo com as relações estabelecidas pelos moradores através de inúmeros mitos que ligam a Orixá ao seu rio. Assim como acontece em todo o Rio São Francisco, desde sua nascente em Minas Gerais até desembocar na foz entre os estados de Alagoas e Sergipe. O Rio São Francisco está dividido em 04 (quatro) sub-regiões de acordo com características geográficas, de clima e vegetação, dentre elas, está a região do Baixo São Francisco, que está compreendida entre os estados de Alagoas e Sergipe até a foz, no Oceano Atlântico, e no qual este projeto terá sua realização.

Antes de ser “descoberto” pelos Portugueses, pelo navegador Américo Vespúcio, em 04 de outubro de 1501, o rio era chamado pelos povos indígenas que habitavam a região, e que hoje continuam em um número muito reduzido, de *Opará*, que na linguagem do tronco tupi-guarani, significa Rio-Mar. É um rio que antes mesmo de ser contado pela história oficial, seja através dos relatos dos portugueses, dos viajantes europeus que por lá navegaram, é importante salientar a magnitude de todo o rio exaltada pelas tribos indígenas, seus encontros e conflitos, suas utilidades e transformações, que continuam imersas em um passado desconhecido e conhecidos apenas por aqueles que antecederam, antes dos processos históricos de ocupação e povoação colonial, que em muitos ambientes deixaram encravados nas rochas e sítios rupestres seus códigos de comunicação e transfiguração da realidade. Durante muito tempo, o rio e seus afluentes exerceram a função de ser as vias hídricas que ligavam e davam acesso as comunidades, o comércio,

³ “*Òsun* é a divindade do rio do mesmo nome que corre no sudoeste da Nigéria. Originário de um numero afluentes de fontes, denominadas de *Omi Òsun – Águas de Oxum*, emanadas das sagradas *Òkè Olosunta – Colinas de Olosunta* em Ikere – Ekiti State. Desemboca no lago Lekki Lagoon, uma imensa lagoa ligada a um canal, com pântanos de água cristalinas e uma parte cercada por praias, em Lagos – Nigéria. Da nascente à desembocadura, esse sagrado rio percorre um extenso território, e quase que em toda a sua extensão *Ìyá mi Òsun* é reverenciada, não só por seu nome próprio, mas sim por seus títulos e epítetos, dos quais denomino os “Caminhos de Oxum”. Alguns dizem que o rio *Òsun* não é navegável, outros afirmam que os habitantes locais tem uma superstição que permite aos homens atravessá-los, mas não subi-lo ou descê-lo. Existe um tipo de milho que é considerado tabu para *Òsun* e nunca poderia ser levado à beira de seu rio, do contrário as chuvas deixariam de cair.”

Ver mais em: <http://oduduwaaremu.blogspot.com/2015/07/odoo-s-un-o-rio-oxum-o-s-un-e-divindade.html>

de exploração, pela ausência nos primórdios do desenvolvimento, de estradas asfaltadas e ferrovias. (TENÓRIO, 2011).

Em Alagoas, onze municípios fazem parte da região do Baixo São Francisco, (Delmiro Gouveia, Olho-d' Água do Casado, Piranhas, Pão de Açúcar, Belo Monte, Traipu, São Brás, Porto Real do Colégio, Igreja Nova, Penedo e Piaçabuçu) fazendo fronteira com o estado de Sergipe, que possui treze municípios compondo a região do baixo São Francisco (Canindé do São Francisco, Poço Redondo, Porto da Folha, Gararu, Nossa Senhora de Lourdes, Canhoba, Amparo do São Francisco, Telha, Propriá, Santana do São Francisco, Neópolis, Ilha das Flores, Brejo Grande), mas apenas alguns deles mantêm sua sede municipal às margens do rio, tanto do lado alagoano, bem como do lado sergipano, o que permitiu ao longo da vida, estabelecer conexões, contatos, fluxos contínuos de pessoas, produtos, animais e uma variedade de processos comunicativos e saberes.

Neste sentido, tomando emprestado o que Annemarie Mol (2002), chama de “*the body multiple*” (corpo múltiplo), como sendo um corpo produzido, evidenciando não o dado e o feito, mas antes seus contextos, suas dinâmicas, interações, suas relações, a partir dos encontros entre objetos, sujeitos e práticas, transporto tal conceito para este trabalho no intuito de tentar compreender o Rio São Francisco a partir desse processo ontológico, em que o rio é um corpo múltiplo, carregado de múltiplas realidades, múltiplos ambientes e paisagens que estão além dos dualismos praticados por uma ciência menos aberta as dinâmicas dos mundos possíveis. Encarar o Rio São Francisco como um corpo múltiplo, é apontar para o fato de que estou diante de um rio que produz processos de negociação, de enfrentamento, que dialoga com outros agentes que estão dispostos nas suas margens, produzindo consensos e controvérsias a seu respeito, a partir de observações em torno das paisagens que se modificam o tempo todo.

São nessas paisagens, aqui entendidas como construções moldadas a partir das relações estabelecidas pela população, através dos movimentos que cada comunidade produz e reproduz diante do contexto em que se encontram, conforme aponta Ingold (2015): “Paisagens assumem significados, e aparências em relação às pessoas, e as pessoas desenvolvem habilidades, conhecimento e identidades em relação às paisagens nas quais se encontram”. (INGOLD, 2015: 198). As paisagens são vistas sobre os diferentes pontos de vista, despertando seja no corpo coletivo ou no olhar individual, infinitas reflexões acerca do ambiente, como também salienta Marc Augé:

Uma paisagem desperta pois, duas espécies de memória: uma memória coletiva, inscrita na natureza ou nos monumentos; mas também memórias individuais, infinitas, reflexos das andanças ou das passagens de cada um e cada uma daqueles que tiveram a ocasião de contemplá-la: maravilhados por descobri-la ou por tê-la encontrado quando tão somente passavam por ela; habituados a decifra-la e a interpretar suas menores variações ou seus mais discretos sinais quando nela trabalharam, com ela aprenderam e com ela forjaram uma experiência vital, como os montanheseiros, os marinheiros, ou os caçadores-coletores; ou deslocando-se no meio dela com uma desenvoltura costumeira quando nela viveram por toda uma vida, e de tempos em tempos param para contemplá-la, como se folhassem um álbum de lembranças. (AUGÉ, 2014: 48-49).

A Região vem sendo alvo de projetos estruturais que dizem promover o desenvolvimento, provocando modificações no cotidiano das populações locais pois os grandes empreendimentos, as grandes obras não costumam enxergar nada além dos procedimentos ambientais conservacionistas, ou seja, não articulam ambiente com os agentes formadores do contingente populacional que ocupam as áreas naturais já transformadas e seus contextos de atuação e construção simbólicas, políticas, econômicas e culturais. Neste sentido, para usar as considerações expostas por DEVOS e ROCA (2010), sobre as novas configurações que são percebidas a partir da instalação em todo o mundo da “crise mundial da água”:

A construção de uma realidade socioambiental contemporânea, no entanto, extrapola o exercício racional do planejamento, na medida em que se constitui a partir do processo de ambientalização (LOPES 2006; LOPES *et al.*, 2004), de construção da questão ambiental como uma nova questão pública que revela as tensões, conflitos e contradições que relacionam a chamada qualidade de vida ambiental e o direito ao ambiente sadio à desigualdade de condições de vida, à privatização de áreas e bens considerados patrimônios ambientais, às exclusões dos chamados “irregulares” de uma cidadania ambiental contemporânea.

Neste sentido, é importante compreender que os espaços habitados pelos grupos, pelos agentes humanos e não- humanos, são construções da vida que se estabelecem através de formas concretas de realizações humanas e que Ingold (2015: 230), acha melhor definir como sendo o “mundo vida”, que articulam seus modos de vida, seus limites e suas operações do saber-fazer através das práticas. Todas e todos, independentes de suas maneiras de se utilizar das margens do rio, de suas águas, de suas areias, estão ocupando um mesmo ambiente, um ambiente que agrega, que se locomove, que se

movimenta, mas que é um sustentáculo de todas às práticas existentes e relacionadas e reelaboradas pelos agentes envolvidos, todos e todas estão em último termo, construindo o ambiente.

Penso que o Rio São Francisco por ser um rio longo, com aproximadamente 2863 km², que margeia cinco estados e 521 municípios, é composto e se constitui através de condições híbridas de paisagens e ambientes dos mais diversos e inimagináveis, fruto de longos e diversos processos de perturbação (TSING, 2012), que se estabelecem na medida que vão se alargando as possibilidades dos encontros e fluxos relacionais, em larga escala. Por perturbação, compreende-se dentro da ecologia, eventos que são produzidos e causam modificações nas paisagens e ambientes⁴. Perturbações acontecem na medida em que emergem os avanços das políticas imperialistas, do autoritarismo, da destruição ambiental, de projetos de desenvolvimento, como é o caso da hidroelétrica de Xingó, construída em 1994 entre os estados de Alagoas e Sergipe e que modificou e tem ajudado a modificar não só as paisagens, mas as dinâmicas e práticas que são realizadas cotidianamente no rio. Bem como obras como o canal do sertão em Alagoas, um imenso rio construído artificialmente e que cruza o alto sertão até chegar no agreste do estado, percorrendo um total de 250 km e beneficiando mais de um milhão de pessoas, e passando por 42 cidades do sertão e agreste do estado.

Outra perturbação acelerada é, a maior obra hídrica já vista no Brasil, a transposição do Rio São Francisco, que tem o objetivo de direcionar água para o semiárido nordestino, contribuindo para abastecer açudes, barragens e rios temporários que secam durante longos períodos de estiagem. A meta da transposição é percorrer 700 km de canais a partir da retirada de água em dois eixos, o leste e o norte. O eixo leste, faz a captação de água em Floresta (PE) e leva até outros municípios de Pernambuco e Paraíba, já o eixo norte, retira água de Cabrobó (PE), passando pelos sertões de Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e em Pernambuco. As duas obras ainda estão em fase de conclusão mas o recebimento de água nas regiões já pode ser visto desde o ano passado.⁵

Ao longo do tempo, este rio, que já pontuamos como sendo um corpo múltiplo (MOL, 2002), vem sendo interpretado enquanto um símbolo, enquanto um meio natural

⁴ Nas linhas que se seguem, desenvolvo mais sobre o conceito de Perturbação elaborado por Anna Tsing (2012).

⁵ Para mais informações acerca da Transposição, consultar o canal da Agencia Nacional de Água. Bem como a página do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. <http://www3.ana.gov.br/portal/ANA/sala-de-situacao/sao-francisco> e <http://cbhsaofrancisco.org.br/2017/>

já dado e estabelecido e que dele se retira os recursos necessários para a sobrevivência das comunidades e de toda a bacia hidrográfica⁶. O fato é, que desde antes dos seu “descobrimento” em 1501, o rio é em suma, fruto de embates, negociações entre comunidades indígenas (hoje existe na região em que a pesquisa será desenvolvida, a comunidade indígena Xokó), destas com comunidades quilombolas (em especial a comunidade Mocambo), que continuam a desenvolver dinâmicas relacionais, também com pescadores, barqueiros, ambientalistas, bem como fazendeiros, alavancando intervenções, reagrupamentos, realinhamentos, projetos de autonomia uns em relação aos outros, ao passo que estabelecem diálogos com o rio que são tecidos através dos seus corpos sensíveis, dos objetos e técnicas empregadas afim de definir seu caráter íntimo e particular de se engajar com o rio.

O curso do rio, da sua foz ao Baixo São Francisco, exatamente o trecho que compreende hoje Alagoas e Sergipe, foi percorrido cada vez mais pelos veleiros e bragantins com a coroa de cruz de Malta ostentada nas embarcações, guiados pelos interpretes indígenas que faziam o reconhecimento da terra. Pero de Magalhães Gândavo foi um dos cronistas que se encantaram com o espetáculo da natureza da foz e o encontro das águas com o oceano. Ele informa: “Outro muito notável rio pela banda do oriente ao mesmo oceano que chamam de São Francisco, cuja boca está em dez graus e um terço terá meia légua de largo. Este rio entra tão soberbo no mar e com tanta fúria que não chega o mar a boca, somente faz algum tempo represar suas águas e daí três águas ao mar se acha doce”.

Os colonizadores iam anotando disciplinarmente os acidentes geográficos da região, a toponímia dos nativos, e se surpreendiam com a variedade de fauna e da flora e com a abundancia fora do comum de alimentos encontrados em suas incursões: camarões, caranguejos, dezenas de peixe de água doce e salgada, mariscos variados, além da fartura de animais de caça, de todo tipo, existentes as margens do Opara. E sabiam que foi naturalmente essa fartura de alimentos que atraiu os índios, tomando a área densamente povoada. Não se tem ideia exata da população, mas era enorme. Passada a fase de amizade inicial, quando não havia interesses em conflito, os portugueses começaram a desejar a ocupação das terras e escravos para tocar as fazendas. Os índios reagiram e uma luta terrível ensanguentou o solo são-franciscano. (TENÓRIO, 2011: 29-30).

O que antes era um rio povoado pelos povos indígenas, viu ao longo dos séculos seguintes o estabelecimento de fazendas de gado, onde no sertão encontrava terreno propicio ao seu desenvolvimento, os primeiros núcleos de povoamento, transformando o rio em um excelente escoador de produção. Vale ressaltar que durante o estabelecimento

⁶ No final do projeto cito alguns trabalhos que versam sobre o rio como um recurso hídrico.

de fazendas de gado e produção agrícola, houve uma intensa presença dos povos africanos ao longo das margens do rio, fruto dos processos de escravidão, o que na atualidade pode ser conferido graças a presença de inúmeras comunidades quilombolas presentes na região, tais como: Chifre do Bode e Poço do Sal em Pão de Açúcar, Alagoas; Mocambo em Porto da Folha, Sergipe; Sapé e Palmeira dos Negros em Igreja Nova; Pixain em Piaçabuçu; Oiteiro e Tabuleiro dos Negros em Penedo, além de outras, todas em Alagoas⁷.

Então, volto a Ana Tsing (2012) com o intuito de estabelecer e evidenciar que além de ser um rio múltiplo, o Rio São Francisco é também uma diversidade contaminada – não uma contaminação aplicada como conhecemos, em termos de degradação da qualidade – mas fruto de ações colaborativas entre esses agentes citados acima, e também com outros agentes que não foram até hoje, percebidos como fundamentais na composição do rio, enquanto ambiente que se molda em ritmos, por vezes mais lentos, perturbações lentas, onde a presença humana é quase desconhecida, em outros processos de modo mais acelerados em decorrência dos inúmeros movimentos de fins lucrativos, capitalistas, imperialistas de degradação ambiental dão o tom.

Assim a biodiversidade, segundo o entendimento de Tsing (2012), é criada pelas práticas cotidianas em relações multiespécies, e no rio além do humano ativo, em conexões com as marés, os ventos, as chuvas, as vazantes, as cheias, as erosões, surgimento de novas praias (croas, bancos de areias), alargamento do mar em direção ao rio, processos de drenagens, bombeamento de água, desaparecimento de peixes, surgimentos de algas, e outros corpos que eram desconhecidos até pouco tempo. Assim o rio está vivendo, está sendo vivido a partir das relações e os modos de se relacionar com cada agente, seja ele humano ou não, estabelece fazendo dele seu lugar no mundo. Como tais vidas são vividas transformando e modificando as paisagens, é o que este trabalho se propõe a narrar, perceber e também experienciar.

Assim, neste trabalho, de forma bastante particular devo salientar que estou diante de um objeto de pesquisa que me é familiar, cujo o contato e vivências estão impregnados de memórias e afetuosidades, o que requer um esforço substancial de minha parte, na construção de um trabalho científico com dinâmicas próprias de negociação, sem que saber científico se sobreponha aos meus modos de existir e ser em relação ao rio.

⁷ <http://www.mulherdireitoshumanos.al.gov.br/relatorios-e-dados/category/23-relatorio-tecnico-sic-servico-de-informacao-ao-cidadao>

Nesses últimos anos, de forma cada vez mais clara, tenho me questionado acerca das condições fundamentais e canônicas do fazer antropológico, tendo em vista que, embora já tenhamos caminhado em direção a uma produção científica cada vez mais praxiológica, há ainda nos centros de formação da antropologia um discurso se negando a experimentar esse novo posicionamento. Tal fluxo contrário, foi por muito tempo capaz de obscurecer por exemplo, as realidades de certas comunidades como de fato elas se apresentam, ou de como a realidade é em sentido amplo, construída. Portanto, levando a apropriação do saber, de ordens lógicas de apropriação e acumulação de conhecimento, como se somente o pesquisador fosse, por excelência o detentor de formulas apropriadas para o desenvolvimento da ciência, como se a complexidade do mundo fosse possível de ser inserida em um conjunto delimitado de conceitos e teorias, quando na verdade estamos apenas reduzindo as possibilidades de conhecer com profundidade mundos outros.

O excepcionalismo humano nos cega. A ciência herdou das grandes religiões monoteístas narrativas sobre a superioridade humana. Essas histórias alimentam pressupostos sobre a autonomia humana e levantam questões relacionadas ao controle, ao impacto humano e à natureza, ao invés de instigar questões sobre a interdependência das espécies. Uma das muitas limitações dessa herança é que ela nos fez imaginar as práticas de ser uma espécie (humana) como se fossem mantidas autonomamente e, assim, constantes na cultura e na história. (TSING, 2015: 184).

Fazendo um trocadilho entre o meu objeto de pesquisa, o Rio São Francisco e o processo de construção da pesquisa antropológica, o rio com seus intensos processos de transformações, digo que aqui, nestes escritos, o rio passa a ser a própria antropologia e vice-versa, em um sentido mutuo e cujo meu modo de tentar descortinar os processos de continuidade da vida, que estão por trás do real sentido de existir tanto do próprio rio, como da antropologia, o que certamente não é uma tarefa fácil, tem a ver como concebia cada um de modo particular e vinculado as apropriações que delas foram feitas e transmitidas ao meu comportamento e olhar de pesquisador.

No entanto, assim como um dia eu aprendi a nadar, ainda muito criança, e cujas lembranças desses momentos iniciais do aprender a nadar não se encontram mais comigo, aprendendo a me relacionar com ele, compartilhando nossos corpos e habitando o seu corpo, de maneira particular, pela vivência já estabelecida pelos meus antepassados, que reproduziam e se vinculavam a partir de seus modos de estabelecer diálogos com tudo que o rio dava em termos de existir. Assim, os moldes de pesquisas mais canônicos,

compartilhados pela antropologia ao longo da minha formação, parecem não mais atender a esse modo particular que estabeleço com o objeto de pesquisa, me permitindo fazer mergulhos a outras margens epistemológicas e possibilitando encontros e rimas sensíveis sobre vidas e caminhos.

Para que nada possa ser passado despercebido nas páginas dos acontecimentos que desterritorializam a vida e existência humana, em um esforço particular, preciso fazer movimentos e me permitir reaprender a mergulhar, nadar, para expor e expressar aquilo que ao longo da minha história, tem ficado submerso todo esse tempo.

O caminho até a outra margem requer em primeiro lugar, que nos dispamos de nossas vestes, pois diante do rio, ao mergulhar, minhas memórias e pensamentos se convertem para o passado, para algumas mensagens que me fazem voltar para a presença de uma pessoa que um dia eu fui e que quer retornar aquela forma de ser e viver, assim também se estabelece a relação com a antropologia, quanto mais eu me afasto das práticas convencionais e métodos do começo dessa minha caminhada, na hora que se está diante do campo, é como se se revelasse em forma de monumento a poética da dualidade entre nós e eles, mas não somente no campo, é imprescindível que a própria escrita, seja também ela, fruto de movimentos de mudanças, focando para a transparência dos processos que estão emergindo com a prática, e que estavam submersos pelos universalismos.

Pois como diz Ingold (2015), por muito tempo uma leva de pesquisadores e pesquisadoras tem praticado uma espécie de antropologia que fragmenta as condições de realização da vida humana, inspirados em sistemas padrões de conhecimento que insiste em conceituar as elaborações cotidianas da vida. *A vida, nessa perspectiva, é um movimento em direção ao desfecho final: um preenchimento gradual de capacidades e esgotamentos de possibilidades.* (INGOLD, 2015: 26).

Assim como Ingold (idem), penso que o processo de conhecer deve se basear em experienciar contínuos movimentos de devir próprios da realização humana. Através das experiências, dos encontros e dos caminhos, é que o conhecimento salta dos corpos, da imaginação, da mente e se põe a realizar-se, sem necessariamente estabelecer concepções finalísticas.

É da essência da vida que ela não comece aqui ou termine ali, ou conecte um ponto de origem a uma destinação final, mas, sim que ela continue, encontrando um caminho através da miríade de coisas que se

formam, persistem e irrompem em seu percurso. A vida, em suma, é um movimento de abertura, não de um encerramento. (Idem, 2015: 26).

De modo bastante simples, pretende-se chamar a atenção para o fato de que a vida deve ser vivida, sentida e experimentada, construída, realizada e concomitantemente produzida entre contatos, cooperação e interação, e não ser representada, focando em aspectos que emergem nas práticas comunicativas. Em último termo, deve ser este também o papel da antropologia em especial, do fazer antropológico, pois se assim for, não precisarei traduzir, interpretar, decodificar os processos de interação, de práticas e de modos de pertencer, reivindicar, morar, habitar e construir seus próprios caminhos em múltiplos mundos e ambientes, já que em suma, estarei também existindo e reivindicando o meu modo de conhecer e ser, em um mundo cujo o modo operante não está pautado nas dicotomias e dualidades, já que também faço parte deste mundo e deste rio que estou propondo redescobrir.

Trafiagar e mergulhar até a outra margem, ou as outras tantas margens, é uma exigência que me proponho, mas sabendo que serão exercícios de difíceis cumprimentos, mas que serão vinculados a movimentos contínuos atribuídos ao folego, resistência das braçadas e coragem de ir além, assumindo os riscos de nadar as águas sagradas do Rio São Francisco, habitando cada marola⁸ de forma única, nunca em sequência ordenada, nem de modo encenado e teatralizado, mas entregue como um ator que escreve e atua ao mesmo tempo. Perambulando e habitando pelos águas do ser e fazer-se também margem, não há dúvidas de que tais movimentos não podem ocorrer no isolamento e solidão da pesquisa, é preciso tecer redes (LATOIR, 2012), como fazem os pescadores, como fazem as bordadeiras, que moldam as linhas e fios como instrumento de sustentação e conexão do seu caminho de peregrinação pela vida, para que em sentido amplo e cada vez mais incompleto, possa realizar seu nado, seu mergulho, seu encontro com o real, sendo cada vez mais modificado e modificando seu trajeto através do desejo e vontade de haurir, extrair, beber conhecimento, expô-lo e repassa-lo.

Investigar a vida humana é, portanto, explorar as condições de possibilidade e um mundo povoado por seres cujas identidades são estabelecidas, em primeiro lugar, não por atributos recebidos, específicos de uma espécie ou de uma cultura, mas por realização produtiva. (INGOLD, 2015: 31).

⁸ Marola são ondas sem muita força que se formam ao longo do rio e fazem um movimento contrário ao percurso do rio, que é em direção do mar. Geralmente as marolas se formam na parte da tarde quando há uma maior incidência de ventos.

O rio atua como agente não humano (Eduardo kohn, 2013) que possui corpo, ações, pensamentos e realizações independentes, que se materializam dentro e fora do corpo e estabelecem interações onde as práxis estejam operando e assumindo papel preponderante, interligando pontos que pareciam desconexos, mas que assumem descrições como essenciais nos processos de conhecer. Descrever deve ser mais importante que explicar, já que para Latour (2012), a descrição da conta de explicar, a partir de modelos que estejam transbordando de detalhes sobre o real, tendo o pesquisador dialogando continuamente dentro dos processos de interação e de forma contínua, vivendo cada nova ligação e cada novo encontro.

É preciso conhecer, deixar se contaminar (TSING, 2015) e entender como os pescadores aprendem a pescar, a se relacionar com o rio, com os peixes, com a canoa, com os ventos, com as marés, com a lua, com outros sistemas de pesca, em um sistema colaborativo, em que a colaboração estabeleça diálogos capazes de produzir percepções acerca do tempo, mas não só os pescadores, mas todos e todas que estão de modos distintos, tecendo suas redes de colaborações mútuas e que emergem a partir das percepções individuais e coletivas, assim como tantas outras manifestações corpóreas que se vinculam ao rio, permitindo assim que a práxis esteja situada na frente da explicação, que esteja situada antes dos procedimentos de conceituação, o rio como um corpo múltiplo e não múltiplos corpos (MOL, 2005), em dimensões capazes de serem percebidas e postas em evidências através de amplos sistemas de transdução (HELMREICH, 2007).

Nessa linha de pensamento, e o pensamento articulado com a ação e como engajamento pode resultar no acúmulo de conhecimento e trocas que são corrigidas, agrupadas e agregadas de acordo com os contextos anteriores, através dos processos contínuos de registros, sejam verbais, mentais ou até mesmo codificados através de sonhos como forma de linguagem e trocas de informações entre os mundos possíveis e existentes. Assim, ao escolher navegar, mergulhar, nadar com as águas do Velho Chico, e não *nas águas*, implicam outros movimentos epistemológicos, principalmente pelo fato de poder aprender a estar aprendendo, sinalizando a vontade de estabelecer junto ao rio e aos seus colaboradores, relações simétricas de colaborações mútuas e múltiplas.

Pontuando esse aspecto, é importante compreender que a relação existente entre coisas, entre praticas, entre objetos não se encontram fixados na ordens hierárquicas, mas

aparecem estabelecidas em produções variadas, que merecem um maior tipo de engajamento, um engajamento de caminhos abertos e que permitam se inteirar do ambiente em uma escala de profunda participação (Idem, 2007), que confluam para o estabelecimento de abordagens e efeitos reais e políticos, sem necessariamente produzir dualidades de causa e efeito.

Assim, pontuo também o que situa Hélène Artaud (2017), em relação a pesquisas construídas com comunidades tradicionais que situam seus territórios e vidas no e com o mar, cujos os processos de apropriação, relações estão baseadas na paisagem como sendo demarcadas, identificadas, vividas e construídas a partir de componentes da memória, garantido seus sentidos de ligação e cujos os nomes de lugares, dos caminhos, das comunidades, dão o sentido de ocupação aos ambientes e a construção de suas narrativas de pertencimento e de formulação de práticas características dos seus aspectos de se relacionar com o mar. “Los topónimos aparecen, en efecto, como un medio eficaz de ocupación efectiva del espacio marítimo y contribuyen a crear un paisaje de prácticas, percepciones y recuerdos compartidos.” (ARTAUD, 2017: 51).

Com isso quero dizer que, assim como Artaud (2017), dedica uma boa parte de sua pesquisa com os comunidades de pescadores Imrâgen, na Mauritania, tentando decifrar e entender quais os sentidos atribuídos aos nomes de lugares, o que lhes confere como sendo um importante no estabelecimento de domínios pelos pescadores, dos ambientes marítimos, acho válido transpor esse mesmo processo de descoberta e observação para a pesquisa com o Rio São Francisco, já que muitos lugares, comunidades, ambientes e paisagens estão denominadas com nomes e termos indígenas, africanos e produzidos pelos próprios pescadores e barqueiros que entaleceram e estabelecem seus modos próprios de convivência com o rio, o que permite ainda na linha metodológica desse projeto, vislumbrar uma multiplicidade e diversidade de sentidos, formas, práticas e existência do rio, permitindo um aprofundamento através das narrativas que foram e são produzidas cotidianamente pelos agentes multiespecies que se cruzam e se comunicam.

Só na cidade de Pão de Açúcar temos casos toponímia que foram atribuídos ao lugar pelos indígenas em relação ao rio, ex: Jaciobá, primeiro nome da cidade (linguagem tupi-guarani para se referir ao lugar como sendo o “espelho da lua”); bem como o nome do rio, antes de ser dado o nome do Santo, era chamado pelos indígenas da região, de Opará (rio-mar). Assim, através da fenomenologia ou estudo fenomenológico, afim de compreender as relações específicas que se dão entre, por exemplo, um barqueiro com os bancos de areia e o próprio rio, um canoeiro com sua canoa e o rio, o pescador com o rio

e o peixe, uma lavadeira de roupa e a margem, um praticante de caiaque com o seu objeto e o rio, o mergulhador, etc. A toponímia, então estabelece construções temporais e ambientais propícias ao desenvolvimento de práticas e memórias típicas de cada lugar e de cada povo, comunidade e até mesmo individual.

El paisaje descubierto por la toponimia se presenta, así, como el espacio de convergencia de las cualidades objetivas del medio natural y las subjetivas de la sensibilidad y de la memoria: cada topónimo materializa este compromiso entre cualidad real de un lugar y contingencias culturales. Las funciones más importantes del dispositivo toponímico son, así, tanto descriptivas como prácticas, tanto conmemorativas como sensibles, dependiendo de la persona (pescador, morabito, guerrero o mujer) de que se trate. (ARTAUD, 2017: 62).

E é aí que mora a diferenciação trazida pela mescla de proposições fornecidas por estes teóricos citados em todas as linhas deste texto, com uma antropologia que venho produzindo nos últimos anos, são contribuições que dialogam umas com as outras, pois parece-me que existe convocações mais intensas para se voltar para o nosso objeto de forma mais cuidadosa, mais engajado, mais liberto dos formalismos que pairam sobre as dificuldades técnicas do fazer antropologia, apontando para compreender que o tempo e o ambiente sejam organizados, vivenciados, através da atenção na prática, cujos modos de percepção não estejam mediados pela representação, onde não só a percepção visual, mas também a percepção sonora, seja ela antes, durante e depois, mas principalmente durante cada mergulho, cada submersão em águas, em encontros, em caminhadas e nadados, estabeleçam paisagens sonoras (HELMREICH, 2007), capazes de extrapolar o simplismo das dimensões em que nossos olhos e ouvidos tem sido treinados em um mundo que anda, se comunica e viaja cada vez mais veloz.

Portanto, este trabalho assume o compromisso de acompanhar, se engajar, com foco no presente, as linhas que dão sentido às vidas, às paisagens, aos deslocamentos e rupturas, que se constituem enquanto o rio desemboca no oceano, deixando para trás vidas e sendo seguida por elas. Seguindo sempre com uma câmera na mão, cadernos, vou procurar registrar, descrever, e de forma poética narrar as aventuras que estarei vivendo em companhia deste rio, indo além da observação participante.

Assim, espero que esse trabalho a ser produzido em direção a outras tantas margens antropológicas e a outros tantos rios, em um só, possa ser a canoa que me levará a navegar por esse empreendimento, sem que as pedras e os vários bancos de areia que impedem a qualidade da navegação nas águas do rio da unidade nacional, também não

possam ser empecilhos de uma ótima navegabilidade, me trazendo de volta para o porto seguro da pesquisa antropológica. E assim, começo a perambular esse espírito, esse corpo, essa alma e tantas outros seres que tomam conta de minha cabeça, que habitam esse corpo múltiplo, um corpo ribeirinho aprendiz sobre os mistérios do mundo que transcendem a minha inabalável confiança em aprender e conhecer. Eis uma missão árdua, mas que pode ser poética e generosa como tem sido o Rio São Francisco ao longo de sua existência e resistência. Que o Preto Velho, Os Caboclos Urumaris, que vivem nas margens, Oxum, São Francisco de Assis, outros seres que habitam as águas, as encostas, as paisagens, sejam meus fieis companheiros(as), nessa aventura peregrina em um rio que precisa ser redescoberto.

Referencias:

AGIER, Michel. **Encontros Etnográficos**: interação, contexto, comparação; tradução Bruno Cesar Cavalcante, Maria Stela Torres B. Lameiras, Yann Hamonic. – 1. ed.- São Paulo: Editora Unesp; Alagoas: Edufal, 2015.

ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. **Caipora e outros conflitos ontológicos**. - In. Revista de Antropologia da UFSCar, v.5, n.1, jan.-jun., p.7-28, 2013.

ALVES, Jose Jakson Amancio; NASCIMENTO, Sebastiana Santos do. Transposição do rio São Francisco: (des)caminhos para o semi-árido do Nordeste brasileiro. - **REA**, nº 99, ano IX, p. 39-45, 2009.

AUGÉ, Marc. **O Antropólogo e o Mundo global**; tradução de Francisco Morás.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ARTAUD, Hélène. Una lectura sensible del mar: ecoestesia y toponimia marina de las comunidades de pescadores Imrâgendel banco de Arguin, Mauritania.- In **Mar Adentro – Tenencia Marina y Debates Cosmopolíticos**. Copenhague : IWGIA 2017.
<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01779406>

ASSIS, André Tomé de. Transposição do Rio São Francisco: os reassentados da vila Junco e suas percepções. - **I Simpósio Mineiro de Geografia** – Alfenas 26 a 30 de maio de 2014.

BACHELARD, Gaston. **A Dialética da Duração**; 2 ° Ed. São Paulo: editora Atica,1994.

BATESON, Gregory. **Mente e Natureza**; tradução de Claudia Guerpe. - Rio de Janeiro: Francisco Alves Livraria S.A., 1986.

BATESON, Gregory. **Naven : um esboço dos problemas sugeridos por um retrato compósito, realizado a partir de três perspectivas, da cultura de uma tribo da Nova Guiné**.- tradução Magda Lopes. – 2. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

BRANDÃO, Moreno. **História de Alagoas seguido de o Baixo São Francisco o Rio e o Vale** (1909). – Maceió: EDUFAL.

CARDOSO, Thiago Mota. **Paisagens em transe uma etnografia sobre poética e cosmopolítica dos lugares habitados pelos Pataxó no Monte Pascoal**. - Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do grau de Doutor em Antropologia Social. Florianópolis, 2016.

CASTRO, César Nunes de. **Transposição do Rio São Francisco: análise de oportunidade do projeto**. - Rio de Janeiro: IPEA, 2011.

DEVOS, Rafael Victorino [et al.]. Paisagens como Panoramas e Ritmos audiovisuais: percepção ambiental na pesca da Tainha. - São Paulo, v.1. n.1, , 2016, p.41-58.

DEVOS, Rafael Victorino [et al.]. **Patrimônio Ambiental e Águas Urbanas-Habitantes do Arroio**. 2010. Disponível em <http://habitantesdoarroio.blogspot.com>

FERREIRA, Elisabete Cardoso. Afinal o que é a Transposição do Rio São Francisco: os desafios existentes. **I Seminário GEOPLAN**, UFS, São Cristovão, SE, 2012.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil; História da Província Santa Cruz**. - Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>

GIBSON, James. **The ecological approach to visual perception**. - Nova York: Psychology Press, 1986.

HALBAWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. - tradução Beatriz Sidou. – São Paulo: Centauro, 2006.

HALFELD, Henrique Guilherme Fernando. **Atlas e relatório concernente a exploração do Rio de S. Francisco desde a Cachoeira da Pirapora até ao Oceano Atlântico**: levantado por Ordem do Governo de S. M. I. O Senhor Dom Pedro II.- Rio de Janeiro, 1860. <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/185636>

HELMREICH, Stefan. **Um antropólogo debaixo d'água: Paisagens Sonoras Imersivas, Ciborgues Submarinos e Etnografia Transdutora**. Caderno Eletrônico de Ciências Sociais. V. 3, n. 1. pp 174-214, 2015.

INGOLD, Tim. : essays on livelihood, dwelling and skill.- London and New York: This edition published in the Taylor & Francis e-Library, 2002.

INGOLD, Tim. Caminhando com Dragões: em direção ao lado selvagem. In. **Cultura, percepção e ambiente: dialogo com Tim Ingold**.- Carlos Alberto Steil, Isabel Cristina de Moura Carvalho, organizadores.- São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo: ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**; tradução de Fabio Creder. Petropolis, RJ: Vozes, 2015.

KOHN, Eduardo. **How Forests Think: toward an anthropology beyond the human**.- California: University of California Press, Ltd, 2013.

- LATOURE, Bruno. **Reagregando o Social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**; introdução: Claude Lévi-Strauss; tradução de Paulo Neves. – São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MOL, Annemarie. **The Body Multiple**: ontology in medical practice. Durham and London: Duke University Press. 2002.
- NEVES, Zanoni. **Navegantes da Integração**: os remeiros do rio São Francisco. – 2.ed – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- PEREIRA, Silvio B. Pereira, [et al.]. Estudo do comportamento hidrológico do Rio São Francisco e seus principais afluentes.- **Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental v.11, n.6**, Campina Grande, PB, UAEAg/UFCG: p. 615-622, 2007.
- OLIVEIRA, Joycelaine Aparecida de. **Ciclos de águas e vidas: o caminho do rio nas vozes dos antigos vaporzeiros e remeiros do São Francisco**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, 2009.
- RABELO, Miriam C. M. Construindo mediações nos circuitos religiosos afro-brasileiros. In. **Cultura, percepção e ambiente**: dialogo com Tim Ingold.- Carlos Alberto Steil, Isabel Cristina de Moura Carvalho, organizadores.- São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. **As Margens do São Francisco**: um olhar antropológico sobre os mestres fazedores de canoas na cidade de Pão de Açúcar- Alagoas. Dissertação. Mestrado em Antropologia Social. São Cristóvão, 2014.
- SILVA, José Marcos da. [et al.]. Conflitos ambientais e as águas do rio São Francisco. **Saúde Soc. São Paulo, v.24, n.4**, p.1208-1216, 2015.
- SILVA, Ana Carolina Aguerri Borges da. **As Águas do Rio São Francisco: disputas, conflitos e representações do mundo rural**.- Campinas, SP: 2017.
- SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. In <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003015.pdf>
- TADDEI, Renzo; GAMBOGGI, Ana Laura. Etnografia, meio ambiente e comunicação 88291771ambiental. Caderno pedagógico, **Lajeado, v. 8, n. 2**, p. 09-28, 2011.
- TADDEI, Renzo. Ser-estar no sertão: capítulos da vida como filosofia visceral. **Interface: comunicação em saúde e educação**, 18 (50), p. 597-607, 2014.
- TENÓRIO, Douglas Apratto [et al.]. **Rio São Francisco**: um ninho de culturas. - Maceió: EDUFAL, 2010.
- TENÓRIO, Douglas Apratto [et al.]. **Rio São Francisco das Alagoas- Memórias**. - Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011.
- TSING, Anna. **Friction: An Ethnography of Global Connection**. Princeton: Princeton University Press, 2005.
- TSING, Anna. “Contaminated Diversity in “Slow Disturbance”: Potential Collaborators for a Liveable Earth”. In: Martin, G; Mincyte, D.; Münster, U. Why Do We Value Diversity? Biocultural Diversity in a Global Context. Munich, Rachel Carson Center Perspectives. p. 97-99, 2012.

TSING, Anna Lowenhaupt. **The mushroom at the end of the world**: on the possibility of life in the capitalist ruins. Princeton: Princeton University Press, 2015.

TSING, Anna. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. Tradução de Pedro Castelo Branco Silveira.- **ILHA** v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015.

TSING, Anna. In the midst of disturbance: symbiosis, coordination, history, landscape. - ASA Annual Conference 2015: **Symbiotic Anthropologies: theoretical commensalities and methodological mutualisms**. 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais**: elementos para uma antropologia pós- estrutural. Tradução de Oiara Bonilla.- São Paulo: Cosac Naify, 2009.